

O FEMINISMO EM HESTER PRYNNE

Juan Rodrigues da Cruz (UFF e SME-RJ)³⁹
juanrodrigues@id.uff.br

RESUMO

Através da leitura de ‘A Letra Escarlate’ (1850), do autor estadunidense Nathaniel Hawthorne (1804–1864), o trabalho pretende analisar o perfil da protagonista da obra, Hester Prynne, para identificar, em sua trajetória, de pária da sociedade retratada na narrativa à dona de suas história e voz, atitudes que demonstrem um posicionamento feminista, ainda que de modo implícito. Seria, assim, essa mudança de perfil, a maior marca do feminismo na personagem? Para isso, será necessário também entender o enquadramento de Hester dentro e fora do conjunto de mulheres retratado na obra, considerando os contextos social, cultural e histórico apresentados por Hawthorne em sua obra mais comercialmente popular.

Palavras-chave:

Feminismo. Hester Prynne. ‘A Letra Escarlate’.

ABSTRACT

After conveying an attentive reading of American author Nathaniel Hawthorne’s novel ‘The Scarlet Letter’ (1850), we intend to analyze the profile of its main character, Hester Prynne, as to identify, in the happenings of her life, from a social outcast to the author of her own history and owner of her own voice, attitudes that reveal a feminist approach, even if subtly. Could, as such, the change in Hester’s profile the biggest symbol of feminist thinking and acting found in the character? In order to fulfill that objective, it’s needed to understand the position of Prynne in and out of the group of women depicted in the novel, considering the social, cultural and historical contexts presented by Hawthorne.

Keywords:

Feminism. Hester Prynne. ‘The Scarlet Letter’.

1. *Introdução à obra e ao autor*

Nathaniel Hawthorne, autor do romance aqui analisado, viveu entre 1804 e 1864. Ele nasceu na cidade de Salem, que atualmente faz parte do estado de Massachusetts/EUA, local com o qual sua família tem uma longa e forte relação. Tal relação é apresentada por especialistas em literatura estadunidense como VanSpanckeren (2006), os quais apresentam que um

³⁹ Este trabalho é uma adaptação da monografia defendida em banca pública como requisito para conclusão de curso de graduação (Licenciatura em Letras – Português/Inglês) pelo autor, em dezembro de 2016, na Universidade Veiga de Almeida.

antepassado do autor, seu tataravô John Hathorne (1641–1717), participou como juiz num evento mundialmente conhecido que ocorreu na cidade, no fim do século XVII: o julgamento das supostas bruxas. Durante tal ocorrido, várias pessoas foram acusadas e condenadas por bruxaria, sendo posteriormente executadas ou presas (condição na qual muitas acabavam morrendo). Atualmente, todavia, não existe evidência concreta de que bruxas tenham de fato em algum momento existido na localidade, sendo esse considerado um episódio de histeria em massa, símbolo do extremismo religioso nos Estados Unidos coloniais.

Ao tomar ciência da sua relação com John, e num ímpeto de tentar se distanciar de seu passado, o autor alterou seu sobrenome, ainda que minimamente: de *Hathorne* para *Hawthorne*. A própria história de Hester Prynne foi inspirada na criação puritana que o autor recebeu e no seu desejo de tanto afirmá-la quanto negá-la. Por mais de uma década a história de uma mulher condenada a usar uma enorme letra A em seu vestido como marca de um pecado por ela cometido assombrava o autor, que queria refletir em sua obra sobre os rígidos puritanos que se dedicavam a Deus, à disciplina e ao trabalho.

A primeira publicação de Nathaniel, o romance “Fanshawe” (1828), foi lançado anonimamente. Diversas obras suas têm como cenário a Nova Inglaterra puritana, e “A Letra Escarlate” se tornou uma representação clássica da época, apesar de ter sido considerado um livro audacioso e até mesmo subversivo à sua época. Sobre o estilo do autor, Liukonnen (2008) ainda traça um paralelo entre Nathaniel e seu contemporâneo Edgar Allan Poe (1809–1849), autor reconhecido por suas histórias com elementos sobrenaturais e góticos, ao dizer que Hawthorne também abordava em suas obras uma visão pessimista da natureza humana. Isto é: ele mostrava a seus leitores os lados ruins das pessoas e não uma realidade idealizada, romântica.

“A Letra Escarlate”, livro originalmente lançado em 1850, é considerado um clássico da literatura estadunidense, sendo bem recebido pela crítica especializada. Com o tempo, ele deu origem a inúmeras adaptações, como no mínimo 11 filmes e mãos de 15 óperas. A história situa-se na cidade de Boston, outro local cuja importância histórica também é amplamente reconhecida, uma vez que ali aconteceram eventos chave do nascimento do que hoje são os Estados Unidos da América. O mais famoso destes é a festa do chá de 1773, quando colonos insatisfeitos com a taxa excessiva de impostos pela metrópole inglesa atiraram um carregamento de chá pertencente à Companhia Britânica das Índias Orientais nas águas

do porto da cidade.

A obra descreve a trajetória de Hester Prynne, mulher que começa a narrativa sendo exposta publicamente num palanque de frente à toda a cidade. Ela havia recentemente dado luz a um bebê cuja paternidade era desconhecida. Acreditava-se que Hester havia cometido adultério, já que até onde se sabia seu marido havia desaparecido no mar: logo, ele não poderia ser o pai. Essa suposta transgressão, para a sociedade retratada, altamente religiosa, era vista como um crime e deveria ser rigorosamente punida, visto que se tratava também de uma afronta à palavra de Deus⁴⁰. Pearl, filha de Hester, tem em seu nome a revelação de sua importância e preciosidade para com sua mãe (*Pearl* = pérola). Prynne poderia ter sido condenada à morte, como revela o trecho abaixo, mas teve sua vida poupada: sua punição seria, apenas, usar uma enorme letra A bordada em seu vestido, símbolo-mor de sua transgressão. Hester posteriormente muda-se para uma floresta, onde vive isolada e reclusa, distante do contato com outras pessoas.

A pena poderia ser a morte. Mas, com sua grande misericórdia e ternura de coração, condenaram a senhora Prynne a apenas três horas de exposição no local.

É necessário apresentar os temas e a simbologia apresentados na obra. De temas destacam-se o pecado; o conflito individualidade x conformidade; a vingança; a natureza e o sobrenatural/o oculto. Já o simbolismo inclui, entre vários outros, a letra escarlata usada por Hester em seu vestido – imagem que dá nome ao livro; o palanque onde a protagonista é exposta; o Sol e seu brilho e a floresta para a qual Hester se muda, descrita como um local de sombras e escuridão, frequentado supostamente por entidades sobrenaturais.

Ghasemi (2009), por fim, afirma que a obra nos mostra mais uma parte do interminável conflito entre indivíduos x sociedade, onde a temática do conflito entre aparência e realidade tem papel central e mescla-se em diversos elementos da narrativa. A relevância dessa temática jaz no fato de ela ser adotada pela cultura puritana para subjugar seus membros e esconder a verdade, e pela protagonista, que ganha uma nova identidade e viola os códigos de conduta puritanos. Podemos simplificar isso em duas grandes oposições binárias: *Sociedade x Indivíduo* e *Religião x Amor*. Essas oposições podem ser encontradas em diversos momentos na narrativa: a sociedade era contra Hester devido à sua transgressão. Porém, a visão

⁴⁰ Lembrar dos Dez Mandamentos, conforme estabelecidos na Bíblia católica.

tida de Hester acaba sendo mudada ao longo da história: ela começa sendo criticada por demonstrar certo conhecimento acerca da Bíblia, mas acaba sendo enterrada ao lado de seu amante, o que mostra que a sociedade fica a favor do indivíduo e o amor triunfa, ainda que em outro plano, este já-lém-existencial e espiritual.

2. Os puritanos

Não se pode analisar a obra sem considerar a forma que a religião é descrita nela. Deve-se lembrar que o autor descrevia uma sociedade colonial, considerando seus valores religiosos e morais, os quais como vimos acima são a base para o julgamento de Hester Prynne.

A sociedade descrita por Hawthorne seguia o puritanismo. Esse foi um movimento religioso protestante que envolveu os colonizadores ingleses nos Estados Unidos, com o intuito de promover uma total reforma da Igreja da Inglaterra, sendo também a principal tradição religiosa na história dos Estados Unidos. A religião e a devoção eram dois fatores fortemente presentes na vida puritana e, segundo tais preceitos, aquele que transgredisse alguma doutrina ou regra era passível de danação divina que levaria o pecador ao inferno.

Os puritanos, altamente letrados e educados para seu tempo, foram autores de uma extensa produção literária, a qual pode se dizer que constituiu os primórdios da literatura estadunidense. Divide-se essa produção em três principais gêneros, conforme Carbonieri e Gava (2015): sermões, diários e poesia, cada um dos quais com expoentes (como Jonathan Edwards⁴¹ e Anne Bradstreet). Em comum, todos eles deixam clara a força que a crença religiosa tinha sobre os indivíduos, de certa maneira regendo todo âmbito da vida dos indivíduos e a forma com que eles interagem na sociedade e em grupo.

2.1. A mulher puritana

Aqui dissertaremos sobre a mulher puritana e suas características,

⁴¹ Recomenda-se a leitura de “Sinners in the hand of an angry God” (em tradução livre: “Traidores na mão de um Deus irado”), clássico da literatura estadunidense, de autoria de Edwards. As pregações do autor causavam tanto furor que convenciam seus ouvintes de que, de fato, ele estava condenado à danação e à vida no inferno caso não seguisse os preceitos religiosos à risca.

fazendo paralelos com Hester como mulher puritana e analisando duas de suas relações mais fortes: com o reverendo Dimmesdale (reverendo com quem Hester se relacionou – pai de Pearl) e com Roger Chillingworth (marido de Hester, era um médico habilidoso, considerado como morto⁴²).

Na época em que a obra se passa, era extremamente incomum encontrar uma mulher erudita, visto que mulheres eram, segundo Lipsy, educadas para terem um futuro restrito às funções de dona de casa. Elas nunca teriam acesso às universidades e jamais publicariam algo que elas escreveram, pois seriam recebidas com horror e sofreriam reprovação pública.

Brewer (1995) afirma que, no período colonial estadunidense, a vida das pessoas girava, entre outros fatores, em torno de riquezas, religião e raça. A vida das mulheres, em específico, era caracterizada pela maternidade, já que grande parte delas ou amamentavam/cuidavam de crianças ou estavam grávidas – isto quando não faziam os dois ao mesmo tempo. A maternidade também não se limitava a somente um filho: como não havia forma de controle de natalidade tampouco meios contraceptivos, o comum era mulheres terem vários filhos - que raramente chegavam à vida adulta. Isso num período em que a expectativa de vida não passava os 30 anos.

Lipsy estabelece algumas características das mulheres puritanas: elas deveriam ser submissas e subordinadas, trabalhando com seus maridos como se em time. A mulher que agia conforme a vontade de Deus era considerada a ideal, a maior preciosidade de um marido, uma família e uma nação – não tendo qualquer autonomia. As mulheres também eram relegadas ao papel de consoladoras e companheiras íntimas, a quem o homem correria para ter paz de consciência e fugir de seus problemas. Elas também tinham o dever de ficar em casa educando os filhos, preservando e melhorando o que o homem havia conquistado, transformando, por exemplo, farinha em pão e lã em roupas.

Curiosamente, convém mencionar que as esposas que demonstrassem expressões de temor não tinham seus sentimentos respeitados, pois todos achavam que tal temor era proveniente do amor, não de ódio ou aversão. A mulher era sempre vista à sombra do homem, pois ela deveria zelar pela estabilidade do casamento, podendo sofrer sanções caso abandonasse seu marido. Por exemplo, se uma mulher saísse de casa, ela era legalmente

⁴² Roger, descobre-se posteriormente, mandou Hester se mudar sozinha para a Nova Inglaterra para se estabelecer, mas no momento em que ele fazia a sua viagem, ele foi feito refém por indígenas, por um ano. Ele chega, enfim, à cidade, no mesmo momento em que Hester é exposta no palanque. Somente ela conhecia aquele homem.

obrigada a retornar para lá, vivendo com seu marido mesmo se não quisesse. Nota-se, então, o total apagamento da figura feminina naquela sociedade: sem voz, identidade, espaço e autonomia. Totalmente subservientes e subordinadas ao homem.

2.1.1. *Hester enquanto mulher puritana*

Aos olhos da sociedade em que vivia, o adultério de Hester e a concepção de sua filha constituíram uma transgressão imensa, que a transformou em um ser impuro para os olhos conservadores de seus contemporâneos, que até a julgavam como satânica. Isso justifica a humilhação pública pela qual ela passou, retratada no início do livro. Ao escolher ficar por perto (ainda que marginalizada e isolada, na floresta) e não ir embora, ela própria costura em seu vestido uma letra A, eterna representação simbólica de seu suposto crime. Esse ato nos revela que, mesmo sendo alvo do escárnio e do ostracismo público, Hester ainda tem forças para seguir em frente e se impor, sua primeira atitude feminista.

Hester quebra todas as características da mulher puritana que Lipsy propôs. Ela em momento algum foi subserviente a Roger ou a Arthur Dimmesdale, nunca tendo que servir a esses dois homens. Similarmente, ela não era companheira íntima de Roger no tempo em que viveram juntos, antes de ela viajar para as terras coloniais.

Hester e Roger tinham um casamento infeliz, já que o marido dispensava pouquíssima atenção à esposa, sendo insinuado que eles só se casaram porque ele a convenceu de que seria feliz ao seu lado e evitaria, assim, uma morte solitária. Casamentos sem amor, como esse, eram comuns e aprovados pelo regimento social puritano. No entanto, Roger sabe que Hester, uma jovem mulher cheia de paixão, impetuosa e de vontades fortes, não o amava.

3. *O feminismo em hesterprynne: possíveis demonstrações*

Atos feministas por parte de Hester são cuidadosamente mostrados durante a narrativa. Segundo Wang (2010), os maiores símbolos desses são o espírito rebelde da personagem e suas autoconfiança e mente forte. Tal espírito rebelde é a própria personificação do viés feminista da protagonista, com o qual ela desafia o poder e começa uma luta contra o regimento social arranjado por igreja e Estado.

A força de Hester já é explicitada durante sua exposição no palanque público, quando ela se dirige para a localidade de cabeça alta e sem querer se esconder do olho público, sem verter lágrima alguma. Devemos lembrar que todos que perguntaram à mulher a identidade de seu amante eram homens, e a resistência de Hester em responder já deixa claro uma forma do seu poder.

A costura da letra A em seu vestido também reflete a força da protagonista, dado que o símbolo é altamente ornamentado e de cor dourada, contrário à regra puritana que determinavam que roupas deveriam ser mais escuras. Esse momento ainda nos revela que Hester é altamente habilidosa em artes de costura, tendo seus trabalhos reconhecidos por suas qualidades, fazendo parecer que ela tem orgulho em ostentar tal símbolo, cujo significado originalmente era de isolamento. O domínio na costura é o único ponto que faz Hester se associar ao que a sociedade esperava, visto que tal ofício era altamente respeitado e considerado como adequado para as mulheres.

Durante o tempo em que ficou no palanque, ao ser questionada por Dimmesdale sobre a identidade do pai de sua filha de forma que tenha sua penitência aliviada, Hester recusa, para o espanto dos presentes. Ele a pergunta de novo, e ao ser negado, se sente aliviado e agradece de voz baixa. Essa recusa nos mostra a determinação da mulher em se impor apesar da opinião da sociedade e fazer o uso de seus direitos individuais como armas contra o próprio puritanismo. Mais à frente, ao ir para a floresta, ela despe-se de seu vestido (e, conseqüentemente, do A), revelando novamente sua beleza radiante, que em muitos momentos da obra era apagada e negada. Essa ação representa a personagem se livrando da rígida, dura e inflexível estrutura social puritana que tanto a julgou e puniu. Em seu coração, ela nunca aceitará as regras puritanas: torna-se uma rebelde contra elas.

Essa exposição é algo insuportável para a protagonista. A população se junta para falar mal da mulher e encarar a ela e a sua então recém-nascida. Sua proteção ao amante e seu desejo por amor verdadeiro a fazem se sustentar com uma coragem inimaginável, resistindo a seu sofrimento. Ela surge como uma amante que não pede nada de Dimmesdale e que aceita seu destino sem sinal algum de criticismo. A grandeza da personagem pode ser explicitada a partir do seguinte cumprimento do reverendo: “Espantosa a resistência e a generosidade desse coração de mulher! Ela não falará!”⁴³ (p. 110). Para proteger a identidade e a boa fama do

⁴³ Traduzido do trecho: *Wondrous strength and generosity of a woman's heart! She will not*

reverendo, ela promete esconder a identidade de Chillingworth como pai de Pearl, mas quando ela testemunha o sofrimento contra o qual ele luta, ela fica determinada a redimir seu erro, de modo a parar Roger de infligir mais dor a seu amante⁴⁴. Hester finalmente resolve encontrar o marido e faz o que pode estar em seu poder para resgatar a vítima sobre quem ele derrama seu rancor.

Hester deseja fugir com seu amante para uma terra nova onde eles poderiam recomeçar, longe do olho julgador da sociedade e das instituições, mas o reverendo não quer abandonar seu posto (que, convém lembrar, o dava destaque e voz). No ápice do momento, ela transmite ao seu amado força através de suas próprias energias. Encorajado pela mulher, ele decide finalmente fugir. Para dá-lo mais entusiasmo e coragem, sem hesitar, Hester arranca a letra escarlate de seu vestido e a joga longe, longo e profundo sinal no qual os pesos da vergonha e da angústia se separam, finalmente, de seu espírito. Este é mais um ato de rebeldia da protagonista contra o patriarcado e o apagamento de sua figura.

A mulher dá tanto amor e dispensa tantas preocupações para com sua filha que a faz pensar se Pearl é anormal. As brincadeiras da menina e sua falta de controle preocupam a mãe e fazem a sociedade pensar que a menina é realmente filha de Satã. Pearl, inclusive, demonstra enorme fascínio no A que Hester carrega em sua vestimenta, deixando a mãe surpresa. Ao crescer, Pearl acaba assumindo um comportamento impulsivo e indisciplinado, gerando ainda mais rumores pela sociedade que tanto julgara sua mãe. Um dos pontos altos da narrativa é o trecho em que a menina quase é tirada da mãe por acharem que ela não seria capaz de lhe dar uma criação boa, enquanto Hester defende seu direito de ficar com a menina.

É com a intervenção do reverendo que Hester consegue ficar com sua filha. Novamente contrário ao que a sociedade puritana pregava, esperava e exigia da figura das mães, Hester não cria Pearl para ser obediente a um potencial futuro marido. Assim, deduz-se que Pearl provavelmente teria o mesmo o espírito rebelde a força da mãe. Através do símbolo em seu vestido, ela mostra sua potencial consciência materna para a filha, fazendo-a perceber o corpo e a paixão femininas. Pearl acaba tendo outro

speak!.

⁴⁴ Roger, em determinado momento, acaba sendo designado para cuidar do reverendo, cuja saúde debilitou-se. No entanto, ele se aproveita desse momento para torturá-lo ainda mais, tendo domínio e conhecimento de práticas médicas e curativas. Supõe-se que o mal que acometia Dimmesdale tinha como causa a culpa que ele sentia por sua transgressão.

momento de destaque na narrativa quando aceita a herança deixada por seu pai, o que segundo a sociedade puritana era indevido – pois tudo deveria ser deixado a um herdeiro homem. Nisso ela se torna a mais rica herdeira da Terra Nova. Essa, pode se dizer, foi a primeira ‘transgressão’ de Pearl contra a sociedade, deixando explícita a sua força e sua voz. No fim da narrativa, já crescida, Pearl visita a Europa e lá encontra seu amor, sua felicidade mostrando a vitória da mãe e a do humanismo sobre o puritanismo.

Atitudes feministas podem também ser notadas em Hester quando ela demonstra a vontade de se livrar daquela sociedade religiosa e limitadora, o que nos mostra que ela tinha um pensamento “fora da caixa”, para além do momento histórico em que vivia, ou seja, podemos dizer que em alguns momentos Hester era uma ‘mulher à frente do seu tempo’. A atitude dela em arrancar a letra A de seu vestido, que vimos anteriormente, mostra o clímax de sua insatisfação e o momento em que ela quebra com todas as normas puritanas, tanto que o ambiente ao redor da personagem muda e ganha ares diferente dos que até então haviam sido retratados, passando a ser mais ensolarados, alegres e cheios de cor. Da mesma forma, esse fato também envolve a ressignificação do A que ela leva em seu peito. De *adúltera*, ela passou a ser *capaz*⁴⁵. A maior marca da identidade feminista da personagem. De pária, marginalizada por seus pares, ela voltou a ser autora de sua história e nunca deixou de andar pelos seus próprios caminhos.

Ao pensar em ir embora com sua família para a Inglaterra, Hester nos mostra seu poder e sua força de vontade em querer quebrar os limites impostos pela sociedade puritana. Sua morte e seu enterro ao lado de seu grande amor nos mostram que um amor pode resistir a tudo, existindo inclusive após a morte. Hester rompe com o papel social da mulher puritana de sua época, o que pode ser entendido como símbolo de sua força e resiliência.

4. Considerações finais

Podemos notar diversas ações, pensamentos e comportamentos por parte de Hester que a caracterizam, sim, como uma espécie de pré-

⁴⁵ Em inglês, de *adulterer* para *able*. Nenhuma das possíveis traduções dessa última palavra para o português começa com a letra A, infelizmente, logo, manter a alteração de sentidos proposta por Nathaniel Hawthorne não é possível em nossa língua.

heroína⁴⁶ feminista, que em nenhum momento curvou-se ou admitiu viver à sombra dos homens com quem se relacionou ou conviveu, rompendo com a sociedade patriarcal em que vivia, sem em nenhum momento da obra ser indicado que a personagem se importava com as críticas, julgamentos e opiniões que lhe eram dispensadas.

Comparando as ações da personagem com os dias atuais, podemos notar que as mulheres cada vez mais têm lutado para terem sua autonomia, vontades e desejos respeitados, negando ficar à sombra da figura masculina, desempenhando um papel de destaque na sociedade e ocupando posições de prestígio e liderança nelas – completamente contrário ao que os puritanos pregavam e viviam, ainda que muitas ainda sigam essas vidas, por questões religiosas ou por outras ordens. Dessa forma, Hester Prynne pode ser considerada a primeira heroína e figura feminista da literatura estadunidense, anos antes de o feminismo se organizar e sistematizar como um movimento social, de fato, como o conhecemos hoje: uma luta válida que deve ser respeitada – não se pode voltar à sociedade que Hawthorne descreve em seu livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREWER, Holly. *Women in Colonial America*. Universidade do Estado da Carolina do Norte/EUA. Disponível em: http://www.dlt.ncssm.edu/lmtm/docs/women_col_am/script.pdf. Acesso em: 12 de novembro de 2022.

CARBONIERI, Divanize; GAVA, Águida Aparecida. A contribuição puritana na literatura colonial americana: Diários, sermões, poesia. *Scripta Uniandrade*, v. 13, n. 2. 2015. Curitiba, p. 8-30. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/426/310>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

GHASEMI, Parvin. *A Thematic Analysis of Hawthorne's The Scarlet Letter*. Departamento de Línguas Estrangeiras e Linguística, Faculdade de Literatura e Humanidades, Universidade de Shiraz, Pardis Eram Shiraz 71944, Irã. Disponível em: <https://kata.petra.ac.id/index.php/ing/article/download/17667/17578>. Acesso em 13 de novembro de 2022.

⁴⁶ Usamos essa denominação visto que na época retratada na obra não existiam movimentos feministas como conhecemos e temos na atualidade. Logo, Hester não pode ser considerada personagem feminista, tampouco uma heroína consolidada.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A letra escarlata*. Trad. de Christian Schwartz. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

LIPSY, David. *A Mulher Puritana*. [s.l.]. s.d. Os Puritanos. Disponível em: <https://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-a-mulher-puritana.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

LIUKKONEN, Petri. *Nathaniel Hawthorne (1804–1864)*. [S.l.]. Saylor Foundation. Disponível em: <http://www.saylor.org/site/wp-content/uploads/2012/02/ENGL405-3.1-Nathaniel-Hawthorne.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2022.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Outline of American Literature*. Departamento de Estado dos Estados Unidos da América. 1994. Disponível em: http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-english/outline_us_lit.pdf. Acesso em 13 de novembro de 2022.

WANG, Yamin. *Representative of the New Female Image – Analyzing Hester Prynne’s Feminist Consciousness in The Scarlet Letter*. Departamento de Línguas Estrangeiras, Universidade de Tecnologia de Tianjin, China. Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues/past/jltr/vol01/06/22.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.